

ESTÁGIO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E PROJETO DE TRABALHO: DESAFIOS E CONQUISTAS

Bruna Santos Silva^{*}

Thaís Fernandes da Costa^{*}

Thais Pereira Santos^{*}

Lindalva Pessoni Santos^{**}

Resumo: O presente artigo foi elaborado como síntese do Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil, do 5º e 6º períodos, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas, no ano de 2014. Discute-se a formação docente a partir das experiências vivenciadas no estágio. Este artigo tem por finalidade, portanto, relatar as experiências no estágio com trabalho por projeto em que as crianças são reconhecidas como ativas, capazes e criativas, verdadeiramente sujeitos de direitos. As atividades do Estágio proporcionaram o reconhecimento da indissociabilidade entre teoria e prática, o respeito e confiança no potencial da criança, uma aproximação entre instituição campo e universidade, entre outras aprendizagens que foram construídas com o subsídio de autores como Barbosa e Horn (2008), Anjos (2012), Osteto (2008), Lopes (2009), Pimenta e Lima (2005/2006), dentre outros.

Palavras-chave: Estágio. Projeto de Trabalho. Formação Docente.

Introdução

O estágio se apresenta como um importante componente curricular que busca promover uma profunda relação entre Universidade e Campo. O presente artigo tem por finalidade analisar as contribuições do Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil para a formação intelectual crítico-reflexiva dos discentes da Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus Inhumas. Essa formação teve como base de sustentação a concepção da relação indissociável entre teoria e prática.

Para essa discussão buscamos relatar o desenvolvimento do nosso projeto de trabalho – elaborado após as observações em cada agrupamento – com crianças de zero a três e de quatro a cinco. O projeto se estruturou a partir da concepção de criança como sujeito de direitos e para tanto foi organizado em torno de interações e brincadeira.

^{*} Acadêmicas do 4º ano do Curso de Pedagogia da UEG, Câmpus Inhumas.

^{**} Possui graduação em Pedagogia pela UFG (1989), Especialização em Planejamento Educacional pela UNIVERSO (1993), Especialização em Matemática e Linguagem para as séries iniciais do Ensino Fundamental pela UFG (1997), Especialização em Formação Sócio-Econômica do Brasil pela UNIVERSO (2002) e Mestrado em Educação pela UFG (2011). Atualmente, é professora titular da Universidade Estadual de Goiás e professora – Secretaria de Educação. Tem experiência na área de Educação, atuando, principalmente, nos seguintes temas: ensino superior, formação docente, práticas pedagógicas, avaliação, educação infantil e gestão educacional.

Para a compreensão da relação teoria e prática e, também para reflexão da importância do estágio para a formação do professor crítico e reflexivo, buscamos nesse artigo expor conhecimentos teóricos e práticos acerca do desenvolvimento do trabalho de projetos com crianças na creche e na pré-escola. O projeto tem por base a criança como sujeito de direitos e utilizou interações e brincadeiras como eixo norteador.

Estágio Supervisionado e a Busca pela Indissociabilidade entre Teoria e Prática

O Estágio Supervisionado constitui-se como campo de conhecimento, no qual os acadêmicos têm a oportunidade de refletir e vislumbrar a indissociabilidade entre teoria e prática. Ao falarmos de Estágio, pensávamos que este nos proporcionaria apenas experiências práticas, mas logo de início esse paradigma foi quebrado, vimos que o caminho da docência não se constitui ora com teoria ora com prática e sim numa relação que não se desassocia.

O estágio possibilita ao acadêmico a aproximação do seu campo de atuação profissional e à realidade que atuará, assim, logo se pensa em conhecer boas práticas. Mas, será que é possível entrar em uma sala de aula sem embasamento teórico?

O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir transformando-os. (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 16).

Partindo deste pressuposto, vemos que a teoria é um elemento fundamental para a realização da prática pedagógica está que possibilita o educador o pensamento crítico-reflexivo, proporcionando rever conceitos e permitindo um novo olhar acerca das condições de ensino, como se dá a organização pedagógica da instituição em que atua e a forma em que ocorre o processo aprendizagem.

[...] posturas dicotômicas em que teoria e prática são tratadas isoladamente gera equívocos graves no processo de formação profissional. A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática. (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 9).

O estágio contribui de forma significativa para a compreensão dessas questões. Essa linha de pensamento serve de base para a reflexão, questionamento a cerca das práticas institucionalizadas, contribuindo para a formação de professores intelectuais, críticos e autônomos que terão subsídios para buscar novas formas de se educar.

Criança como Sujeito de Direitos

Nos últimos tempos, se tem dado uma atenção maior quando o assunto relacionado à criança como foco de qualquer questão, garantindo a ela direitos que vão ao encontro com as suas necessidades em diferentes aspectos e que outrora lhes foram negados. Mas, mesmo amparadas por leis, muitas crianças não usufruem de tais benefícios que lhe são assegurados.

Nesse sentido, a Educação Infantil (EI) era marcada pela omissão, sem focar o desenvolvimento da criança restringindo-se ao cuidar, descartando o olhar pedagógico e suas implicações.

Sabemos que é garantido por lei a toda criança o direito ao brincar, a higiene e saúde, direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e, também, o direito de ser respeitada sua identidade cultural, racial e religiosa. Esses direitos garantem uma nova concepção de infância e dos reais direitos estabelecidos às crianças.

Levando em conta a necessidade de incentivar a criança desde cedo, com brincadeiras variadas e interações que proporcionem a exploração é que, propomos aqui com o “brincar” atividades com intencionalidade formativa, que possam garantir esses direitos efetivamente.

Quando a criança brinca, evidencia suas diferenças e semelhanças, atitudes e situações de brincadeiras estimulam a criança a pensar por si própria, expor desafios e atingir princípios para construir conceitos e se desenvolver.

O brincar, na esfera escolar, proporciona à criança a construção do conhecimento num ambiente em que ela se sinta segura em relação às outras e a ela mesma. No Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) propomos as crianças fazer um bolo objetivando a interação em pequenos grupos, levando-as a terem contado e experimentarem materiais que elas não tinham acesso. Observamos as expressões e as reações singulares de cada criança diante das experiências vivenciadas e ficamos felizes vendo que nossa proposta contribuiu para o desenvolvimento de cada uma delas.

Todas nossas propostas para o campo de estágio a criança era o foco, autoras de todo o processo, levando em conta as interações e brincadeiras, possibilitando a elas autonomia e a oportunidade de se expressar. Prova desse desenvolvimento foi a atividade elencada como o “Casamento da Dona Baratinha” onde todos participaram de forma dinâmica de toda a ornamentação e preparativos em geral.

Dar autonomia para criança é, segundo Tristão (2006, p. 44), “envolver de forma em que as crianças saibam trilhar os seus próprios caminhos, traçar a sua história, tomar decisões,

construir a autoria e a liberdade”. Essa ideia despertou em nós a possibilidade de desenvolver uma prática crítica e reflexiva, levando em conta a criança, seus interesses e necessidades.

Projetando Caminhos

Para o desenvolvimento do Estágio nos campos foi necessário um projeto que traçasse objetivos claros e coerentes com essa etapa da educação básica. Para isso, elaboramos e desenvolvemos um projeto pautado em interações e brincadeiras que proporcionassem às crianças aprendizagens significativas por meio de experiências prazerosas e divertidas. Diante disso, levantam-se algumas questões: Por que o trabalho com projetos? O trabalho com projetos é a solução para todas as dificuldades encontradas na docência?

Destacamos aqui que não existe uma fórmula perfeita a se utilizar, mas diversas contribuições a serem analisadas segundo as necessidades observadas em cada campo de estágio. O projeto é um recurso utilizado para que haja diálogo entre a criança e docente, e sendo essa criança autora de seu próprio processo de desenvolvimento, cabendo ao professor mediá-lo e orientá-lo nesse percurso. Barbosa e Horn (2008, p. 31) apontam que:

Um projeto é uma abertura para possibilidades amplas de encaminhamento e de resolução, envolvendo uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, imaginativos, criativos, ativos e inteligentes, acompanhados de uma grande flexibilidade de organização.

Nessa perspectiva de projetos, o professor tem um papel fundamental em todo o processo, na organização do espaço, na condução para elaboração do problema e nos caminhos a serem trilhados.

A prática com crianças é marcada por uma profunda sutileza e para isso, faz-se necessário aqui, destacar a importância da observação e do registro. É essencial que o professor tenha o olhar atento e seletivo aos acontecimentos na EI, sejam eles comentários, indagações, olhares, conversas, gestos, além de conhecimento teórico para que se possa compreender aquilo que é necessidade e interesse do agrupamento que se acompanha.

Barbosa e Horn (2008) partem do princípio de que os projetos de trabalho devem partir de propostas pedagógicas que contemplem concepções de ensino e aprendizagem, educação, e modos para a organização do espaço para essas propostas.

A organização dos móveis, do tempo disponibilizado e dos materiais oferecidos é primordial para o desenvolvimento de propostas com intencionalidades. Esse espaço

possibilita às crianças aprendizagens por meio de interações, construção de significados acerca do próprio espaço e dos objetos. Em atividades no campo de estágio, uma dificuldade que nos assolou foi justamente o “espaço”. Por termos que desenvolver nosso projeto em ambiente aberto, no caso, o parque; ficamos temerosas, pois, qualquer criança diante de brinquedos tem por instinto brincar.

Essa reação nos mostrou que um planejamento nem sempre dará conta de abarcar todas as necessidades das crianças, e isso nos proporcionou momentos de reflexões e reavaliação sobre as questões que perpassam o campo da docência. Organizamos um espaço que provocasse questionamentos de forma que as crianças se sentissem instigadas, curiosas, e também oferecemos material que elas pudessem aprender brincando. O trabalho em grupo foi um grande divisor de águas em nosso estágio, pois as crianças do campo não estavam habituadas a esse tipo de proposta. Os momentos de roda enriqueceram as propostas dando subsídios para os planejamentos posteriores. Nas conversas em roda, as crianças faziam indagações, questionamentos, contavam histórias e acontecimentos do dia a dia contribuindo significativamente para o desenrolar da proposta do projeto.

Buscando a interação entre escola e as famílias das crianças, promovemos atividades que envolvessem ambos com o objetivo de compartilhar o trabalho que estava sendo desenvolvido. Foi o caso da receita de um bolo que faríamos para o casamento da Dona Baratinha. Após a apresentação da história onde encenamos em forma de teatro, colocamos para as crianças que precisaríamos de uma receita para fazer o tal bolo. Com isso, as crianças foram para casa com o intuito de trazerem para o próximo encontro a receita de um bolo que fizeram em casa com os pais, para a confecção do bolo de casamento da história. Os pais e as crianças foram além das propostas e enriqueceram o momento trazendo também a receita pronta para que todos pudessem experimentar.

Problematizando a Questão da Leitura e Escrita na Educação Infantil

É comum depararmos com concepções, questionamentos, sobre ler e escrever na Educação Infantil. Houve um tempo que acreditavam que a criança só se interessaria em ler e escrever a partir de seis ou sete anos, ou seja, ela teria que ter maturidade suficiente para apropriar-se da leitura e escrita. Sendo assim, a EI não teria contato algum com este processo. Nos anos 1920 e 1930 estudiosos questionavam estas concepções e salientavam que uma criança antes de completar seis anos era capaz de compreender a leitura e a escrita.

Ler e escrever foram introduzidos na EI, porém de forma mecânica, com atividades repetitivas, cansativas, fazendo com que a criança simplesmente memorizasse. Acreditava-se que a criança submetida a essas práticas sairia da EI alfabetizada.

Novas concepções foram desenvolvidas a respeito da leitura e escrita na EI. Ao desenvolvermos nosso projeto de intervenção na pré-escola não negamos às crianças à leitura e a escrita, mas também não impomos, envolvemos com muita experimentação e exploração. Uma experiência única que fizemos envolveu a construção de uma carta, o destino era para um personagem de uma história, no qual fomos escribas. As crianças se envolveram bastante, colocando ideias, questionamentos. Para dar sentido ao que construímos com eles, levamos um carteiro para que pudessem vislumbrar o trabalho realizado por eles.

Nossa intenção, ao propor esta experiência, foi possibilitar às crianças o contato com situações reais. Brandão e Leal (2011, p. 22) afirmam que:

Por meio da mediação da professora, que atua como escribas, as crianças podem participar da produção de textos variados, propostos em situações reais de comunicação escrita. [...] Brincando de escrever para os pais, os colegas e outras pessoas, as crianças começam a participar de eventos sociais, imitando os adultos letrados com os quais elas convivem.

O professor da EI deve-se colocar como mediador, planejando cada momento, utilizando vivências do dia-a-dia das crianças para a construção um aprendizado significativo. Desse modo, deve ser dada às crianças a oportunidade de conhecer diferentes funções sociais da leitura e escrita.

Em uma de nossas vivências utilizamos o jogo para que as crianças reconhecessem as letras do próprio nome, propomos bingo de letras. Foi motivo de interesse de algumas, de outras nem tanto.

Quanto mais oportunidades dermos às crianças de, por meio de atividades lúdicas, as incentivarmos a pensar e refletir sobre o funcionamento da escrita alfabética e a vivenciarem diferentes práticas de leitura e escrita, mas elas serão desafiadas e estimuladas a se envolverem com língua escrita, e nesse envolvimento, elas estarão construindo conhecimentos importantes [...]. (ALBUQUERQUE; LEITE, 2011, p. 114).

Percebemos que não é necessário esperar com que as crianças leiam e escrevam convencionalmente para que possam ampliar seu repertório e se apropriem do sistema alfabético. Assim, o professor tem o papel fundante, propondo situações significativas em que as crianças possam vivenciar diferentes tipos de linguagens.

Considerações Finais

Buscamos ao longo desse artigo deixar claro a indissociabilidade entre teoria e prática no Estágio Supervisionado em docência na Educação Infantil. Os saberes teóricos e práticos são essências para a formação de um professor intelectual crítico-reflexivo e pesquisador.

O trabalho de projetos possibilitou o desenvolvimento das propostas nos campos de estágio de forma a contribuir para um trabalho voltado aos direitos da criança, utilizando brincadeiras e interações como eixos norteadores. Levando em conta o espaço, o tempo, e as especificidades de cada campo buscamos proporcionar momentos significativos e prazerosos para as crianças. O planejamento e a organização do ambiente contribuíram para a efetivação das propostas com intencionalidades e significados.

As observações foram essenciais para que pudéssemos reavaliar as propostas e planejar os próximos encontros em cada instituição. Buscando trabalhar as múltiplas linguagens e considerando a realidade das crianças propomos atividades que abarcassem diferentes situações que envolvessem a leitura e escrita de forma lúdica, propondo desafios para que as crianças se sentissem instigadas a participarem.

Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correa; LEITE, Tânia Maria Rios. Explorando as Letras na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland. **Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 189p.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 128p.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz. Alfabetizar e Letrar na Educação Infantil: O que isso significa? In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland. **Ler e Escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012. 189p.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poíeses**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. A Sutil Complexidade das Práticas Pedagógicas com Bebês. In: MARTINS FILHO, Altino José *et al.* **Infância Plural: crianças do nosso tempo**. Porto Alegre: Mediação, 2006.